

DOSSIÊ

VIAGEM A ITÁLIA

Inspirados na Expo Milano 2015, dedicamos o dossiê deste número ao olhar de viajantes portugueses sobre Itália. Ignorávamos, quando nos decidimos pelo tema, que Portugal estaria ausente da Exposição Universal de Milão: marcamos, assim, uma presença contada desde o século XIII em cinco trabalhos maioritariamente dedicados a Novecentos. Eles foram lidos, entretanto – e conformados, agora, aos critérios da revista –, no IX Encontro de Italianística, que decorreu, em 3 de Março, na Sala da Biblioteca de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, coordenado por Rita Marnoto e organizado por Manuel Ferro.

A passagem dos séculos é feita por Ernesto Rodrigues, que relewa personagens como o Infante D. Pedro e Lopo d’Almeida, em Quatrocentos, seguidos de Sá de Miranda, Francisco de Holanda e quantos, num quadro mental de influência italiana nas letras e artes, mas também a caminho da Terra Santa ou à sombra do Concílio de Trento, descreveram igrejas e pasmaram com relíquias de santos.

Pena é que o padre António Vieira pouco tivesse aproveitado nas duas longas demoras em Roma; e o mesmo se dirá de Verney...

Tudo se altera em Oitocentos, com António Pedro Lopes de Mendonça atento às convulsões políticas e o flâneur Júlio César Machado seguindo Taine e outros franceses. Importa sintetizar as cartas de António Rodrigues Sampaio na sua Revolução

de Setembro, em 1862, num retrato das principais cidades e variedade no parecer, da política à administração. A mudança de centúria é feita por Teixeira-Gomes e Ramalho Ortigão. Com Justino de Montalvão, um menos conhecido J. Reis Gomes (1926) será dos mais completos cicerones.

Neste campo vasto, entram particulares. Assim, Manuel G. Simões acompanha o Infante D. Pedro, “viajante político e negociador habilidoso”, na Veneza de 1428, dirigindo-se a Pádua, Ferrara, Florença, Roma, enfim Livorno, donde parte via Barcelona. É a sua Primavera italiana, entre Março e Maio, quando, em vestes de também diplomata, se encontra com o Papa Martinho V. Sobreparam dúvidas, correcções e úteis sugestões a desenvolver pela historiografia versada no Infante.

O texto central, de Giuseppe Mea, aborda a primeira metade do século XX, e só Agustina Bessa-Luís (1959) se esquiva a corpus de 12 autores reflectindo sobre Itália e os italianos, com balanço das cidades mais visitadas e descritas (mas deixando acenos de outras): Florença, Roma, Nápoles, Veneza, Milão. No limiar, considera a distância entre os dois países e a melhoria dos meios de transporte.

Jaime Cortesão e Abel Salazar, aí convocados, merecem atenção maior de José Manuel de Vasconcelos, que lembra filmes de Rossellini, um dos quais dá título ao dossiê. Reconduz-nos, através de nomes cimeiros na arte da viagem, ao destino Itália, que ganha terreno literário a França e Espanha, e mostra-nos dois intelectuais, um mais historiador e fluido, outro mais artista e de prosa teatral, “tocados pela monumentalidade, seja a da paisagem natural, seja a da paisagem arquitectónica”.

As vertentes abordadas encostam-se a várias disciplinas, com interesse último nos Estudos Culturais e na Literatura Comparada, diz-nos Manuel Ferro, que preambula sobre modos de representação a partir de aspectos também extraliterários, conformando imagologias sob “formas diversas, desde apontamentos de viagem a livros carregados de erudição, roteiros de turismo ou até trocas de correspondência”. Nos três títulos deste milénio (de

António Mega Ferreira, Eduardo Pitta, Alcides Gouveia), são indisfarçáveis “técnicas colhidas da escrita autobiográfica”, bem como “códigos da ficção narrativa e do romance histórico, em particular”.

Em terra firme lusitana ficaram muitos – artistas, leitores, etc. – que viajaram até Itália por vias aqui não abordadas. São formas de ser e estar em relação, entre admirativa e solidária, com, disse um ausente Garrett (Portugal na Balança da Europa [Secção Segunda / XI / Itália], 1830), o “mais grandioso país da Terra”.

Ernesto Rodrigues